



Escola de Ciências Sociais e Humanas
Departamento de Psicologia Social e das Organizações

A Identificação Organizacional e a Recordação de Acontecimentos
Afetivos nas Organizações

Maria Madalena Belard Frazão e Albuquerque Ferreira

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia Social e das Organizações

Orientadora:

Doutora Susana Maria de Oliveira e Mota Tavares, Professora Auxiliar,
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2014

Agradecimentos

Quero agradecer à minha família e amigos pelo apoio e preocupação em estarem sempre presentes em todo o período de concretização deste projeto.

Quero agradecer à Professora Ana Junça pela sua ajuda e disponibilidade prestadas.

Quero agradecer à Professora Doutora Susana Tavares pela excelente orientação e por toda a sua constante ajuda, disponibilidade e motivação.

Resumo

O presente trabalho pretendeu compreender de que forma a identificação organizacional (IO) condiciona a memória afetiva do indivíduo, nomeadamente a maneira como este se recorda de episódios afetivos, positivos e negativos, que ocorrem em contexto organizacional, e a representação cognitiva retrospectiva que o indivíduo faz destes episódios. Com base na teoria do nível de abstração (TNA; e.g. Trope & Liberman, 2003), advogámos que a congruência afetiva entre o nível de IO e a valência do episódio recordado pode ser uma dimensão de distância psicológica do indivíduo face ao acontecimento em causa. Neste estudo quasi-experimental (2x2: IO elevada vs. baixa x recordação de acontecimento afetivo positivo vs. recordação de acontecimento afetivo negativo), participaram 113 estudantes de 1º ano de licenciatura, do ISCTE-IUL. A IO foi medida e a valência do acontecimento afetivo recordado foi manipulada através do pedido de recordação de um incidente crítico que tivesse ocorrido no ISCTE-IUL e que tivesse evocado emoções positivas vs. emoções negativas. Consistentes com as nossas hipóteses, os resultados mostraram que quanto maior a congruência entre o nível de identificação do indivíduo à organização em que está inserido (alta vs. baixa) e a valência do acontecimento afetivo recordado (respetivamente positivo vs. negativo), menor é a distância psicológica do indivíduo a esse acontecimento; pelo que as descrições retrospectivas do acontecimento recordado se mostraram mais detalhadas, sendo esse episódio representado cognitivamente a um menor nível de abstração. Porém, não se verificou o efeito da congruência na intensidade emocional com que os participantes descrevem o acontecimento afetivo recordado.

Palavras-chave: Identificação Organizacional; Teoria do Nível de Abstração; Congruência Afetiva, Memórias Autobiográficas; Distância Psicológica

Abstract

The present study sought to understand how organizational identification (IO) determines individual's affective memory, particularly the way he remembers affective events (positive and negative) that occur in an organizational context, and the retrospective cognitive representation that the individual makes about these episodes. Based on the Construal Level Theory (CLT; e.g. Trope & Liberman, 2003), we have advocated that the affective congruence between IO and the remembered episode's valence may be a dimension of individual's psychological distance from that event. In this quasi-experimental study (2x2: high vs. low IO x recollection of positive affective event vs. recall of negative emotional event) participated 113 students from the 1st year of degree, ISCTE-IUL. The IO was measured and the affective valence of the remembered event was manipulated by asking participants to recall a critical incident that had occurred at ISCTE-IUL that had evoked positive emotions vs. negative emotions. Consistent with our hypotheses, the results showed that the greater the congruence between the individual's level of identification with the organization to which he belongs (high vs. low) and the affective valence of the remembered event (respectively positive vs. negative), the lower the individual's psychological distance to that event; in this case, the retrospective descriptions of the remembered events were more detailed, and the episodes were cognitively represented at a lower level of abstraction. However, there was no congruence effect in the emotional intensity with which participants describe the remembered affective event.

Key-words: Organizational Identification; Construal Level Theory; Affective Congruence, Autobiographical Memories; Psychological Distance

Índice

Introdução	1
Capítulo I – Enquadramento Teórico	5
Acontecimento Afetivo	5
Recordação de Acontecimentos Afetivos	6
Identificação organizacional, Emoções no Trabalho e Memória Afetiva	9
Representação Mental dos Acontecimentos e Distância Psicológica	14
Capítulo II- Método	19
Participantes	19
Procedimento	19
Medidas	20
Nível de abstração do acontecimento afetivo	21
Nível de intensidade emocional da descrição do acontecimento afetivo	22
Capítulo III – Resultados	23
Nível de Abstração da Descrição de Acontecimento Afetivo	23
Intensidade Emocional da Descrição do Acontecimento Afetivo	24
Capítulo IV – Discussão	27
Discussão geral	27
Contributos	29
Limitações	30
Capítulo V - Referências Bibliográficas e Anexos	33
Referências	33
Anexos	42

Índice de Quadros

Tabela 1 - Distribuição dos participantes por condição experimental	21
Tabela 2 - Média do número de emoções HAPA, LAPA, HAUA e LAUA referidas nas descrições do acontecimento recordado em função da condição experimental.....	25

Índice de Figuras

Figura 1 - Nível de identificação organizacional e frequência de referência ao “onde” ocorreu o acontecimento nas condições de “acontecimento positivo” e “acontecimento negativo”.....	23
Figura 2 - Nível de identificação organizacional e frequência de referência explícita ao ISCTE-IUL nas condições de “acontecimento positivo” e “acontecimento negativo”.....	24

Introdução

As emoções são uma parte substancial e inseparável das vivências quotidianas do indivíduo nas organizações (Ashforth & Humphrey, 1995). De acordo com a teoria dos acontecimentos afetivos (AET, Weiss & Cropanzano, 1996), os acontecimentos que ocorrem em contexto organizacional são causas proximais de reações afetivas, as quais influenciam diretamente as atitudes e comportamentos dos indivíduos (e.g. Forgas & George, 2001).

Porém, de acordo com a teoria de avaliação cognitiva (Lazarus, 1966), as emoções desencadeadas por um acontecimento dependem da avaliação que o indivíduo faz desses acontecimentos. Podemos então pensar que o nível de identificação do indivíduo com a organização em que este está inserido irá condicionar a avaliação, interpretação e o sentido que este atribui aos acontecimentos por ele vividos em contexto organizacional.

Thomas e Diener (1990) consideram que a maneira como as pessoas recordam e avaliam os seus estados emocionais é uma importante componente do seu auto-conceito e de como estes conceptualizam a própria vida, fornecendo à memória uma base para o estabelecimento e manutenção de relações sociais (Kihlstrom, 2009). Por exemplo, a recordação de memórias autobiográficas pode influenciar a experiência emocional do indivíduo em determinado momento (e.g. LeDoux, 1992; Schwartz, Weinberger, & Singer, 1981) e a especificidade dessa recordação pode também afetar a intensidade dessa experiência emocional (Philippe et al., 2011). De acordo com Conway (2005), a memória dos indivíduos é motivada pelos seus objetivos e é consistente com a sua autoimagem, o seu autoconceito e as suas crenças. De facto, a memória episódica é considerada uma componente principal na representação do *self*.

Neste estudo pressupomos que, se a perceção dos acontecimentos organizacionais, sendo entendida como uma atividade construtiva, pode ser condicionada pelo nível de identificação organizacional dos indivíduos, também a memória e recuperação desses acontecimentos poderá ser entendida como uma atividade reconstrutiva influenciada pelo grau de identificação do indivíduo a essa organização.

A recordação de acontecimentos afetivos é também importante na medida em que várias são as pesquisas que demonstram que os indivíduos não fazem recordações precisas dos acontecimentos que viveram. Robinson e Clore (2002), na sua revisão de literatura, compilaram vários exemplos ilustrativos das diferenças entre a recordação dos acontecimentos afetivos (com descrição retrospectiva destes) e a vivência desses mesmos acontecimentos (com descrições “online” das emoções experienciadas no momento). No

nosso estudo não analisámos a vivência afetiva dos acontecimentos ocorridos na organização, mas tão-somente a sua recordação e representação mental, em função do nível de IO dos indivíduos.

Pessoas com níveis de identificação organizacional (IO) distintos têm experiências afetivas diferentes em contexto organizacional (Van Dick & Haslam, 2012). Por outro lado, a forma como as pessoas reagem aos eventos afetivos diários que ocorrem em contexto organizacional e a intensidade de emoções, positivas e negativas, sentidas no local de trabalho, são preditores da satisfação no trabalho e das crenças do indivíduo sobre o seu trabalho (Fisher, 2000; Weiss, Nicholas e Daus 1999). Ainda, estados emocionais dos indivíduos no contexto organizacional podem ter grande influência na maneira como estes experienciam o trabalho, no seu comportamento e performance, motivação, julgamentos e decisões organizacionais (Forgas e George, 2001), nos comportamentos de retirada organizacional (e.g., Brief & Weiss, 2002; Ivancevich, 1986), bem como no seu bem estar-subjetivo (Suh, Diener & Fujita, 1996) e na satisfação com a vida (Tavares e Garcia, 2010). Assim sendo, as recordações desses mesmos eventos afetivos terão naturalmente implicações nas atitudes e comportamentos dos indivíduos no local de trabalho bem como fora dele (Weiss & Cropanzano, 1996). Daí, a importância de entendermos a forma como indivíduos com diferentes níveis de IO recordam os acontecimentos afetivos que experienciaram em contexto organizacional.

Muitos têm sido os estudos sobre como as emoções do indivíduo condicionam a memória e recuperação de informação (e.g. Clore e Parrott, 1991; Oishi et al., 2007; Talmi, Schimmack, Paterson & Moscovitch, 2007) ou, num sentido oposto, como a memória e a informação recuperada afeta as experiências emocionais dos indivíduos (e.g. Philippe et al., 2011; Schmeichel, Volokhov, & Demaree, 2008). Porém, não temos conhecimento de estudos que analisem a memória ou a recordação livre de emoções, ou de eventos afetivos associados a emoções ocorridas em contexto organizacional. O nosso estudo pretende, de algum modo, preencher esta lacuna na literatura. De facto, pretendemos estudar a recuperação da memória de acontecimentos afetivos vividos pelo indivíduo em contexto organizacional e o papel da sua identificação organizacional nesta recordação. Isto é, pretendemos perceber se a identificação organizacional condiciona a forma como os indivíduos recuperam a informação acerca dos episódios afetivos, da sua memória, e se essa recuperação e a representação cognitiva retrospectiva que o indivíduo faz destes episódios, varia em função da valência emocional (positiva vs. negativa) do episódio recordado.

No que diz respeito à relação entre identificação organizacional e memória do indivíduo apenas existe algum trabalho teórico que propõe que a intensidade da identificação organizacional emerge a partir da memória de trabalho do indivíduo com base nas recordações do passado, quando este procura uma congruência entre os valores pessoais e organizacionais (Ekmekci & Casey, 2009). Não conhecemos nenhum trabalho que analise o impacto da identificação organizacional no tipo de recuperação da informação afetiva em memória. Esta investigação contribui então, de alguma forma, para expandir tanto a literatura específica de identificação organizacional, como a literatura de memória e representação mental dos acontecimentos afetivos.

Nesta dissertação propomos que a congruência entre o nível de identificação do indivíduo com a organização em que está inserido e a valência emocional dos acontecimentos afetivos recordados condiciona o nível de abstração e de intensidade emocional com que estes são descritos. Para isso, recorreremos à teoria do nível de abstração (TNA, Liberman & Trope, 1998; Trope & Liberman, 2003) como enquadramento teórico das nossas hipóteses.

Segundo a teoria do nível de abstração o mesmo acontecimento poderá ser descrito de maneiras diferentes consoante a distância psicológica a que os indivíduos se encontram desse acontecimento (e.g. Trope & Liberman, 2010). Estes fazem descrições mais concretas dos acontecimentos, ou objetos, quando estes estão psicologicamente mais próximos de si e descrições mais abstratas de acontecimentos que estão mais psicologicamente distantes. Neste estudo advogamos que a congruência afetiva dos acontecimentos pode ser uma dimensão de distância psicológica.

No contexto da TNA o nosso estudo tem dois contributos importantes. Por um lado, em termos empíricos, a maior parte dos estudos da literatura da TNA recorre a acontecimentos que em termos afetivos são neutros (e.g. Semin & Smith, 1999, estudos 2 e 3; Stephan, 2005) ou positivos (e.g. Friedman e Foster, 2002; Sagristano, Trope & Liberman, 2002), (para exceções vide Eyal, Liberman, Trope & Walther, 2004; Kross, Ayduk & Mischel, 2004). O nosso estudo é inovador ao ter como situações alvo tanto acontecimentos afetivos positivos como os negativos, testando alguns dos pressupostos da TNA para acontecimentos com ambas as valências.

Por outro lado, a maior parte dos estudos no âmbito da TNA foca-se em acontecimentos futuros e em descrições prospetivas, enquanto o nosso estudo se foca em acontecimentos passados e na recordação dos mesmos. Excetuam-se apenas cinco trabalhos. Stephan, Sedikides, e Wildschut (2012) avaliaram as diferenças na representação cognitiva

dos acontecimentos nostálgicos recordados, comparativamente a acontecimentos comuns. Os autores verificaram que a descrição retrospectiva dos acontecimentos nostálgicos contém mais elementos abstratos mas, simultaneamente, mais elementos concretos que ligam estes eventos ao presente. No seu estudo, Kyung, Menon e Trope (2010) mostraram que os indivíduos se sentem subjetivamente mais próximos de um evento quando o recordam a partir de um quadro mental concreto do que de um quadro mental abstrato (condições da manipulação). Esta pesquisa sugere ainda que a relação entre o nível de recuperação do acontecimento e a distância psicológica a que o indivíduo se encontra é mediada pelo conhecimento diferencial acessível pelos diferentes quadros mentais dos indivíduos. Temos ainda os trabalhos de Frank e Gilovich (1989) e Nigro e Neisser (1983), no qual os autores examinaram se as atribuições causais retrospectivas que as pessoas faziam dos acontecimentos vivenciados, eram condicionadas pela perspetiva visual (perspetiva do próprio/ primeira pessoa vs. perspetiva de observador/ terceira pessoa) na qual os eventos eram recordados. Por último, os trabalhos Semin e Smith (1999), era pedido que os participantes recordassem acontecimentos significativos num passado distante versus próximo.

O nosso trabalho vem então alargar o leque de pesquisas que, no âmbito da TNA, estuda a representação cognitiva dos acontecimentos de facto vivenciados pelo indivíduo e recordados de forma retrospectiva, ao invés de imaginados num cenário prospetivo e hipotético.

Assim, numa primeira parte iremos fazer uma revisão de literatura sobre os acontecimentos afetivos e sua recordação. Numa segunda parte, falaremos sobre a identificação organizacional, emoções no trabalho e congruência afetiva e sua relação com a memória dos indivíduos. Posteriormente será feita uma revisão dos principais pressupostos da TNA e da representação mental dos acontecimentos tendo nomeadamente em atenção o conceito de distância psicológica. Por fim, faremos uma descrição sobre o método utilizado no estudo realizado com estudantes do ISCTE-IUL e por fim faremos uma discussão dos resultados obtidos.

Capítulo I – Introdução Teórica

Acontecimentos Afetivos

A Teoria dos Acontecimentos Afetivos (AET, Weiss & Cropanzano, 1996) define um acontecimento afetivo como uma situação que estimula uma avaliação de, e uma reação emocional a, uma ocorrência, objeto ou agente relacionados com o trabalho de um indivíduo (Roseman, Spindel, & Jose, 1990). A AET é uma teoria sobre a experiência afetiva dos indivíduos nas organizações que sustenta que acontecimentos vividos no local de trabalho são as causas mais próximas das reações afetivas dos indivíduos na organização. Estas reações emocionais aos eventos podem diferir em termos da sua qualidade hedônica (acontecimentos avaliados como sendo agradáveis ou desagradáveis) e em termos do seu nível de ativação, isto é, da sua intensidade, influenciando assim os comportamentos e atitudes dos indivíduos (Silva & Caetano, 2013). As consequências das experiências afetivas são tanto atitudinais (e.g. a satisfação no trabalho; Weiss et al, 1999) como comportamentais (Weiss & Cropanzano, 1996).

Vários têm sido os estudos feitos sobre estes acontecimentos afetivos do dia-a-dia dos indivíduos no local de trabalho. A teoria da avaliação cognitiva, desenvolvida por Lazarus et al. (1980), destaca o papel dos prazeres e tensões de menor intensidade, que caracterizam a vida diária dos indivíduos, para o seu bem-estar. Esses micro acontecimentos diários foram divididos em prazeres/satisfações e contrariedades/adversidades diárias¹. Os prazeres/satisfações diárias são experiências que são consideradas positivas, salientes e favoráveis ao bem-estar do indivíduo (Lazarus, 1980); como p. ex., dar-se bem com um colega, atingir um objetivo ou ter tempo suficiente para fazer o que a pessoa quer (Silva & Caetano, 2013). As contrariedades/adversidades diárias são pequenas coisas que se originam no dia-a-dia dos indivíduos e que podem, de alguma maneira, irritar, frustrar ou angustiar os mesmos (Lazarus & Folkman, 1984), sendo considerados prejudiciais e ameaçadores para o bem-estar. Por exemplo, uma notícia inesperada ou lidar com clientes agressivos (Silva & Caetano, 2013).

Segundo a teoria da avaliação cognitiva, os indivíduos avaliam estes eventos diários de maneira diferente consoante as suas características pessoais e diferenças individuais, e esta avaliação determina o tipo de resposta emocional a esses mesmos eventos. Existem alguns estudos, embora poucos, sobre as contrariedades/adversidades diárias e prazeres/satisfações diários em contexto de trabalho, nomeadamente estudos descritivos com o objetivo de

¹ Tradução feita a partir de *daily uplifts* e *hassless*

identificar as principais contrariedades/adversidades e prazeres/satisfações diários dos indivíduos em contexto organizacional (e.g. Lim, Hepworth & Bogossian, 2011; Silva & Caetano, 2013), e o seu impacto no bem-estar do indivíduo, nomeadamente na satisfação no trabalho e na avaliação que este faz da sua qualidade de vida (Hart, Wearing, & Headay, 1993), na performance no trabalho e absentismo do indivíduo (e.g. Ivancevich, 1986).

A maioria dos estudos utiliza listas de eventos diários que ocorrem em contexto organizacional e medem a sua frequência e intensidade. O nosso estudo diferencia-se desta metodologia na medida em que pedimos aos participantes para fazerem uma recordação livre de um acontecimento marcante para o próprio, manipulando apenas a valência afetiva do episódio recordado (emocionalmente positivo ou emocionalmente negativo). Este pedido de recordação livre é acompanhado de um pedido de descrição (escrita) deste acontecimento. O que analisámos foi a forma como este acontecimento é descrito, nomeadamente em termos do nível de abstração usado e de intensidade emocional do relato.

Recordação de Acontecimentos Afetivos

Durante o decorrer das suas vidas os indivíduos podem viver bons e maus acontecimentos sendo que estes têm maior probabilidade de ocorrerem em conjunto do que em separado (Suh et al., 1996). Assim, como já foi demonstrado noutras pesquisas, indivíduos que experienciam níveis intensos de afeto positivo podem experienciar também níveis extremos de afeto negativo (e.g. Diener & Larsen, 1984). Apesar das investigações apontarem para este facto, as pessoas não se recordam dos acontecimentos positivos e negativos como acontecimentos que tenham ocorrido ao mesmo tempo na sua vida e recordam-nos de maneira diferente (Suh et al., 1996).

Os relatos retrospectivos dos indivíduos sobre as suas experiências emocionais ao longo do tempo tendem a ser pouco corretos e precisos (Thomas & Diener, 1990). Existe um hiato entre a memória de um acontecimento e a vivência desse mesmo acontecimento (Hsee & Hastie, 2006; Wirtz, Kruger, Scollon, & Diener, 2003). Ou seja, existe uma “discrepância entre a vida como a vivemos e a vida como a recordamos” (Miron-Shatz, 2009, p.890). De uma maneira geral, os indivíduos sobrestimam a intensidade tanto das emoções positivas sentidas, como das emoções negativas, em comparação com situações neutras da sua vida. Por outro lado, de acordo com os trabalhos de Thomas e Diener (1990), as pessoas tendem a subestimar a frequência de acontecimentos positivos, facto a partir do qual se sugere que os indivíduos tendem a recordar mais facilmente acontecimentos negativos do que positivos. Ainda, pesquisas mostraram que os indivíduos recordam mais emoções desagradáveis e

agradáveis do que aquelas que estes teriam reportado durante a experiência do acontecimento propriamente dito, sendo esta diferença mais acentuada no caso das emoções negativas. Esta diferença entre memória-experiência é superior no caso de eventos negativos revelando que estes têm maior impacto para os indivíduos (Miron-Shatz, 2009).

Porém, a discrepância entre a experiência emocional e os julgamentos retrospectivos é condicionada por algumas variáveis. Os traços de personalidade e as crenças estereotipadas, p. ex., são algumas variáveis associadas ao grau de enviesamento nos julgamentos retrospectivos das emoções (e.g. Robinson & Clore, 2002). A precisão na recordação dos acontecimentos depende ainda da congruência do acontecimento alvo com os valores pessoais do indivíduo que o recorda (Oishi et al., 2007). Ou seja, Oishi e colegas (2007) mostraram que os julgamentos retrospectivos das emoções vividas serão mais precisos quando os indivíduos se recordam de acontecimentos que são mais congruentes com os seus valores, do que quando estes são incongruentes.

A emoção pode exercer a sua influência direta ou indiretamente na memória (Talmi et al., 2007), sendo que os meios através dos quais esta influência existe não são ainda totalmente compreendidos. Mais do que os efeitos da valência dos estímulos emocionais na recordação e memória do indivíduo, alguns estudos afirmam que o nível de ativação e a intensidade de emoção vivida é um melhor preditor do estímulo emocional na atenção e memória (e.g. Kesinger & Corkin, 2004), sendo consistentes com a ideia de que o nível de ativação da emoção associada ao acontecimento influencia a memória do indivíduo através da atenção (Talmi et al., 2007). Desta forma, a alocação da atenção durante a codificação por parte do indivíduo é reconhecida como um determinante importante da memória desse acontecimento e, neste sentido, estímulos emocionais serão melhor lembrados do que estímulos neutros porque atraem maior atenção durante a codificação da informação (memória emocionalmente reforçada, Talmi et al., 2007). Embora algumas investigações tenham demonstrado que o afeto positivo influencia a atenção e processos de formação, recordação e distorção de memórias de uma maneira diferente que os afetos neutros (Kensinger, 2009), tem sido também sugerido que a intensidade motivacional desses estados positivos pode influenciar de maneira diferente esses mesmos processos.

A intensidade motivacional de uma emoção está relacionada com a ação tendencialmente associada a um estado emocional específico. Esta direção motivacional pode ser de aproximação ao estímulo que desencadeou a emoção ou de evitamento desse estímulo (Gable & Harmon-Jones, 2008). Alguns autores sugerem que a intensidade motivacional

fornece uma melhor explicação do que apenas a intensidade emocional ou de ativação de estímulos, apesar de estes conceitos estarem intimamente relacionados (Gable & Harmon-Jones, 2010b). De acordo com os trabalhos de Gable e Harmon-Jones (2008, 2010a, 2010b), o afeto positivo motivado para a aproximação reduz a amplitude do foco de atenção do indivíduo pelo que, este tipo de emoções aumenta a memória para informação central (comparativamente com a informação periférica (Gable & Harmon-Jones, 2010a).

A intensidade motivacional de um afeto positivo pode ser diferente para indivíduos diferentes e, desta forma, a discrepância entre a experiência emocional propriamente dita e os julgamentos retrospectivos não acontecem por acaso. Assim, tal como já referido, os traços de personalidade, as crenças e motivações do indivíduo estão associados ao grau de enviesamento dos julgamentos do indivíduo sobre as suas emoções. Também os valores associados ao autoconceito e *self-schemata* que os indivíduos têm de si próprios têm impacto nas expectativas que estes têm sobre as suas próprias experiências emocionais. Apesar de um indivíduo poder experienciar várias vezes acontecimentos felizes, se essas experiências não forem consistentes com os seus valores e expectativas, os indivíduos não irão reter grande significado a partir destas e isto não irá afetar os julgamentos e consequentes recordações por parte do indivíduo (Oishi et al., 2007). Uma vez mais se pode salientar que o mesmo evento tem diferentes efeitos na avaliação retrospectiva das emoções porque alguns eventos são mais congruentes com os valores de uma pessoa do que com os valores de outras (Robinson e Clore, 2002).

Ainda na mesma linha de pensamento, quando é pedido que indivíduos recordem eventos positivos ou negativos da sua vida, é esperado que indivíduos felizes recordem um maior número de eventos positivos e, pelo contrário, indivíduos mais infelizes recordem mais facilmente eventos negativos (Seidlitz & Diener, 1993). Existe ainda evidência para uma congruência da disposição do indivíduo na recordação, uma vez que a informação emocional de uma determinada valência é melhor e mais facilmente recordada quando o indivíduo se encontra num estado disposicional da mesma valência (Eich, 1995). Por exemplo, é mais fácil para um indivíduo recordar eventos positivos quando este está com uma disposição positiva e o contrário acontece para acontecimentos negativos (Danker & Anderson, 2010).

Neste estudo partimos do pressuposto de que o nível de identificação que o indivíduo tem com a organização em que está inserido é um fator importante, tanto para o condicionamento do que é valorizado pelo indivíduo, como para o condicionamento da direção associada às emoções vividas por este na organização, podendo diferentes situações

gerar emoções distintas nos indivíduos com diferentes níveis de IO. Assim, será de esperar que para os indivíduos que se identificam mais com a organização, a vivência de acontecimentos afetivamente positivos no contexto organizacional seja fundamental para a satisfação das suas necessidades de consistência e de autoverificação (North & Swann, 2009), enquanto que para os indivíduos que se identificam pouco com a organização talvez sejam os acontecimentos que evocam emoções negativas os que melhor cumprem esta função. No mesmo sentido, poder-se-á esperar que para os indivíduos com níveis mais elevados de IO, os acontecimentos organizacionais com valência afetiva positiva tenham maior intensidade motivacional (ou seja, motivação para aproximação) e os acontecimentos com valência afetiva negativa tenham menor intensidade motivacional (ou seja, orientação para o evitamento). O oposto ocorrerá tendencialmente para indivíduos com níveis baixos de IO.

Assim, sugerimos que a identificação organizacional dos indivíduos irá condicionar os seus objetivos e conseqüentemente influenciar o tipo de recordação que os indivíduos fazem dos episódios afetivos em contexto organizacional.

Identificação organizacional, Emoções no Trabalho e Memória Afetiva

O estudo do fenómeno da identificação organizacional tem ganhado maior interesse nos últimos 25 anos, interesse esse que se intensificou sobretudo a partir da publicação dos estudos sobre a identidade social do indivíduo e identificação organizacional, de Ashforth e Mael, em 1989.

Das várias definições apresentadas na literatura sobre o fenómeno da identificação organizacional, existem algumas diferenças sobre a definição do conceito, sobre a sua operacionalização, sobre as dimensões que a compõem e sobre as motivações do indivíduo para a identificação (Tavares, 2009). Porém, podemos dizer que a identificação organizacional é entendida como a internalização da pertença organizacional no autoconceito do indivíduo (Tajfel & Turner, 1979). A identificação organizacional é então considerada um constructo multidimensional e a definição da mesma inclui uma dimensão cognitiva (cognição da pertença à organização), emocional (emoções positivas associadas a essa pertença) e avaliativa (elevado valor atribuído pelo indivíduo a essa pertença).

De acordo com a revisão de literatura realizada por Tavares (2009), a dimensão cognitiva tem sido definida na literatura como a autodefinição do indivíduo em função da sua pertença à organização (e.g. Ashforth, Harrison & Corley., 2008), ou seja, a inclusão da pertença organizacional no autoconceito do indivíduo (e.g. Ashforth et al., 2008); como a representação que o indivíduo constrói da relação que tem com a organização (e.g. Brown,

1969), isto é, a percepção que a relação do indivíduo com a organização forma um “nós” (e.g. Rousseau, Sitkin, Burt, & Camerer, 1998); a sobreposição das identidades do indivíduo e da organização, ou seja, a utilização de características da identidade organizacional para a autodefinição do indivíduo (Dutton, Dukerich & Harquail, 1994); e a congruência entre as características do indivíduo e as características organizacionais, ou percepção de um destino comum com a organização (e.g. Ashforth & Mael, 1989). A dimensão emocional tem sido definida como: o sentimento de pertença ou de fazer parte da organização (Ashforth & Mael, 1989), a percepção de fusão/unicidade com a organização (Ashforth & Mael, 1989), a associação de afetos positivos à pertença organizacional, como a associação do sentimento de pertença a uma vinculação afetiva (e.g. Edwards, 2005). Por último, a dimensão avaliativa diz respeito ao valor atribuído pelo indivíduo à sua presença organizacional: “é importante para mim” (e.g. Ashforth et al., 2008). Apesar de alguns autores sugerirem ainda uma dimensão comportamental ou “conativa” (e.g. Lee, 1971; Patchen, 1970; van Dick, 2001), Tavares (2009) considera o comportamento como um resultado provável da identificação e não necessariamente uma componente desta.

Ainda de acordo com esta autora, “só podemos dizer que um indivíduo se identifica com a organização onde trabalha se este tiver consciência que faz parte da organização, se associada a essa consciência o indivíduo tiver emoções positivas (...) e se essa pertença e vivência dessas emoções associadas à pertença organizacional forem centrais/importantes para o indivíduo e para a sua auto-definição enquanto pessoa” (p.56).

Trabalhos recentes têm vindo a demonstrar que a IO está associada a aspetos emocionais e relacionados com o bem-estar do indivíduo. Como exemplos, tem-se o aumento da satisfação do indivíduo com o trabalho (e.g. van Dick et al., 2004, 2007), aumento da autoestima do indivíduo derivado da pertença organizacional (Bergami & Bagozzi, 2000), entre outros. Em relação aos aspetos emocionais, uma maior identificação organizacional do indivíduo está associada a uma maior frequência de estados emocionais positivos (Bizumic et al., 2009), bem como a níveis mais elevados de bem-estar subjetivo (Haslam et al., 2009), a menos sintomas psicossomáticos (van Dick & Wagner, 2002; Wegge et al., 2006) e a menores níveis de frustração, ansiedade, *stress* e *burnout* do indivíduo (e.g. Cruwys et al., 2013; Cruwys, South, Greenaway & Haslam, 2014; Haslam et al., 2008; Saks & Ashforth, 2000).

A identificação de um indivíduo com uma organização envolve necessariamente alguma positividade em relação à mesma (e.g. Herrbach, 2006). Assim, será de esperar que indivíduos com níveis elevados de identificação vivenciem mais emoções positivas em

contexto organizacional e que, pelo contrário, indivíduos com níveis mais baixos de IO experienciem mais emoções negativas no trabalho.

Partindo do princípio de que o autoconceito do indivíduo, uma vez formado, lhe dá um grande sentido de coerência e uma capacidade relativa de prever e controlar o seu mundo, a teoria da autoverificação (Swann, 1983) afirma que os indivíduos se esforçam e são motivados para tentar obter uma confirmação do seu autoconceito, seja este positivo ou negativo (North & Swann, 2009). Com base neste desejo de autoconfirmação e de autoverificação, os indivíduos interagem com os outros de forma a induzirem respostas autoverificadoras da parte destes (Swann, 1990).

Da mesma forma, podemos sugerir que esta necessidade de autoverificação fará com que indivíduos que se identificam fortemente com a organização em que estão inseridos tendam a recordar mais facilmente acontecimentos organizacionais geradores de emoções positivas e que indivíduos que pouco se identificam com a organização em que estão inseridos tenham maior tendência para recordarem mais facilmente situações que vivenciaram na organização e que lhes geraram emoções negativas.

Os processos inerentes à recordação de memórias autobiográficas são guiados pelos mesmos processos cognitivos e motivacionais que gerem todas as formas de autoavaliação (Sutin & Robin, 2008). Desta forma, as memórias autobiográficas são um produto de um processo reconstrutivo que é fortemente influenciado por vários fatores como sendo os esquemas mentais (Bartlett, 1932/1967), personalidade (Rubin, Schrauf & Greenberg, 2003), necessidades, objetivos e motivações do indivíduo (Sutin & Robins, 2008) e o *self* (Conway, 2005).

O *self* é concebido a partir de um conjunto de objetivos ativos do indivíduo, associados a autoimagens, sendo referido como “*working self*” (Conway, 2005). Este termo refere-se à hierarquia de objetivos ativa para o indivíduo, sendo vista como fazendo parte da memória de trabalho do mesmo (Conway & Pleydell-Pearce, 2000). Esta hierarquia de objetivos opera como um conjunto de processos de controlo que determinam a codificação, a acessibilidade do conhecimento na memória a longo prazo e a construção de memórias dos indivíduos (Conway, 2005). A acessibilidade dos acontecimentos na memória depende da coerência dessas mesmas memórias com os objetivos atuais, autoimagens e crenças dos indivíduos (e.g. Oishi et al., 2007). Desta forma, por ex., memórias de experiências ou conhecimentos que são contraditórios com os objetivos e autoimagem de um indivíduo têm

baixos níveis de acessibilidade cognitiva e podem mesmo ser inibidos de serem recordados (Greenwald, 1980).

A literatura tem mostrado que os acontecimentos quotidianos congruentes com as expectativas e o self-schema do indivíduo são melhor recordados do que os acontecimentos incongruentes (e.g. Neisser & Libby, 2000; Oishi et al., 2007; Stronger & McMillan, 1992). Uma memória congruente é uma memória que o indivíduo vê como sendo consistente com o *self*, enquanto uma memória incongruente reflete a recordação de um incidente que é inconsistente com as crenças e motivações de um indivíduo (Markus & Sentis, 1980). Um grande número de investigadores demonstraram que a informação que é consistente com o autoconceito do indivíduo é recordada mais rapidamente e de uma forma mais precisa do que seria informação inconsistente (Markus & Sentis, 1980; Rogers, 1980).

Também Gardner, Pickett, e Brewer (2000) mostraram nas suas pesquisas que a pertença a um grupo modela a atividade cognitiva do indivíduo tanto em termos dos processos atribucionais e dos processos avaliativos, como em termos dos processos de memória das informações associadas com acontecimentos que ocorrem no contexto grupal.

As teorias implícitas sobre o *self* são utilizadas na construção de memórias autobiográficas (Ross, 1989). As teorias implícitas são estruturas de conhecimento esquemáticas que incluem crenças específicas em relação à estabilidade inerente de certos atributos, assim como um conjunto de princípios gerais em relação às condições suscetíveis de promover a mudança ou estabilidade pessoal. Estas podem afetar o tipo de informação recordada, assim como a interpretação que o indivíduo faz desta recordação (Ross, 1989). Deste modo, nesta dissertação pressupomos que as teorias implícitas que as pessoas têm de que indivíduos mais identificados vivem mais acontecimentos positivos na organização e que indivíduos com níveis de identificação organizacional mais baixos vivem mais acontecimentos negativos na organização, influenciarão a congruência ou incongruência sentida aquando de recordação de acontecimentos afetivos positivos ou negativos vividos em contexto organizacional.

Por outro lado, as memórias consistentes com as crenças individuais serão mais acessíveis do que a memória de acontecimentos inconsistentes com as crenças do indivíduo. Por exemplo, Mayer, McCormick, e Strong (1995), demonstraram a existência de um efeito de congruência afetiva na memória ao verificarem que pessoas felizes recordam melhor eventos emocionais positivos, enquanto pessoas tristes recordam melhor ou de igual forma acontecimentos tristes.

No nosso estudo consideramos então que a internalização da pertença organizacional no autoconceito do indivíduo com conseqüente identificação deste com a organização em que está inserido condicionará o tipo de acontecimentos que estão mais salientes na sua memória. Nomeadamente esperamos que os acontecimentos associados a emoções positivas estejam mais salientes na memória de indivíduos que mais se identificam com a organização e que, em contraponto, os acontecimentos associados a emoções negativas estejam cognitivamente mais acessíveis na memória de indivíduos com baixa IO.

Apesar do efeito geral do enviesamento de positividade na memória de acontecimentos pessoais, i.e., da tendência para as pessoas recordarem melhor os acontecimentos positivos e para esquecerem mais rapidamente os negativos, a teoria da autoverificação (Swann, 1983) fornece fundamentação empírica para afirmar que a recordação de acontecimentos negativos pode ser algo mais congruente com níveis mais baixos de identificação organizacional.

A teoria da autoverificação afirma que as pessoas estão motivadas em preservar a imagem que têm de si próprios, seja esta positiva ou negativa (Swann, 1983). Esta teoria diz-nos que, uma vez formada a autoimagem ou o autoconceito do indivíduo, a informação que o indivíduo obtém e que é consistente com a visão que este tem de si próprio confere-lhe um forte sentido de coerência e de controlo. A autoverificação tem como efeitos diretos para o indivíduo a coerência psicológica (e.g. Swann, Stein-Seroussi & Giesler, 1992), a redução de ansiedade (e.g. Swann et al., 2007) e a melhoria nos estados de saúde (e.g. Shimizu & Pelham, 2004). De uma maneira simétrica ao que já referimos para pessoas com autoconceitos positivos, indivíduos com autoconceitos negativos preferem estar rodeados de pessoas que os veem negativamente ou receber feedbacks negativos, fazendo com que seja criado nos próprios um sentido de coerência psicológica e redução de ansiedade (North & Swann, 2009). Neste sentido, é de se esperar que pessoas mais identificadas com a organização satisfaçam as suas necessidades de autoverificação através de uma construção mais positiva das suas vivências na organização enquanto que, por outro lado, pessoas com níveis de identificação mais baixos satisfaçam as suas necessidades de autoverificação através de uma construção mais negativa das suas experiências em contexto organizacional.

Assim, espera-se que pessoas com níveis mais elevados de identificação organizacional tenham memórias de acontecimentos positivos mais acessíveis, recordando mais facilmente as experiências positivas vividas na organização e menos facilmente experiências ou acontecimentos negativos. Em oposição, espera-se que as pessoas que têm

níveis baixos de identificação organizacional mais facilmente se recordem de episódios ocorridos em contexto organizacional, aos quais estão associadas emoções negativas, mais do que emoções positivas. Neste sentido, consideramos que o nível de identificação organizacional dos indivíduos será um fator com grande influência na forma como são recordados os acontecimentos vividos em contexto organizacional devido às expectativas dos indivíduos relativamente à ocorrência destes acontecimentos. Assim, a ocorrência de acontecimentos positivos será mais congruente com as expectativas, crenças e teorias implícitas dos indivíduos com elevada IO e os episódios organizacionais negativos serão mais congruentes com as expectativas, crenças e teorias implícitas dos indivíduos que se identificam menos com a organização em que se inserem.

Desta forma, propomos que a congruência entre a valência dos acontecimentos afetivos recordados e o nível de identificação dos indivíduos tem influência na forma como a memória destes acontecimentos é cognitivamente recuperada, nomeadamente no nível de abstração com que estes são retrospectivamente descritos. Nesta dissertação propomos então que a congruência afetiva (entre a valência dos acontecimentos afetivos recordados e o nível de IO dos indivíduos) seja uma dimensão de distância psicológica ao acontecimento recordado.

Representação Mental dos Acontecimentos e Distância Psicológica

A Teoria do Nível de Abstração (TNA; Trope & Liberman, 2003, 2010; Liberman et al., 2007) argumenta que o mesmo objeto ou acontecimento pode ser cognitivamente representado em múltiplos níveis de abstração. Os constructos ou acontecimentos com referência a um nível superior de abstração são conceptualizados e descritos recorrendo-se a informação mais abstrata, simples e descontextualizada. Em contraste, os acontecimentos representados a um nível inferior de abstração são conceptualizados de uma forma mais concreta, incluindo características subordinadas, contextualizadas e acidentais ou secundárias (Trope & Liberman, 2003).

Um dos principais determinantes do nível de abstração a que um acontecimento é cognitivamente representado é a distância psicológica a que o indivíduo se encontra desse mesmo acontecimento (Trope & Liberman, 2010). A distância psicológica é uma experiência subjetiva do indivíduo sobre o hiato que existe entre um determinado acontecimento ou situação e o indivíduo, tendo como ponto de referência o *self*, aqui e agora (Trope & Liberman, 2010). Os indivíduos fazem previsões sobre o futuro, relembram o passado,

imaginam as reações de outras pessoas e pensam em coisas hipotéticas que poderiam ter acontecido (Trope & Liberman, 2010).

Na literatura da TNA, a distância psicológica tem vindo a ser operacionalizada através de quatro dimensões – distância temporal, distância espacial, distância social e distância probabilística (Liberman et al., 2007). Um maior distanciamento de um alvo tendo em conta qualquer dimensão de distância psicológica aciona uma ativação da construção mental do acontecimento alvo a um nível mais elevado de abstração (Liberman et al., 2007). Desta forma, um objeto ou acontecimento é psicologicamente distante do indivíduo na medida em que é longínquo no tempo passado ou futuro (distância temporal), no espaço (distância espacial), na medida em que se refere a experiências de outros agentes externos ao indivíduo ou com quem o indivíduo não se identifica (distância social) ou quando diz respeito a um acontecimento menos provável de acontecer (distância probabilística) (Liberman & Trope, 2008).

As diferentes dimensões da distância psicológica correspondem às diferentes maneiras através das quais os objetos ou eventos podem estar distanciados do *self*. Objetos ou acontecimentos psicologicamente mais distantes serão representados cognitivamente de maneira diferente dos objetos ou acontecimentos psicologicamente próximos (Liberman & Trope, 2008).

Apesar de serem diferentes, existem evidências empíricas da correlação positiva entre as quatro dimensões de distância psicológica (Fielder, Jung, Wänke & Alexopoulos, 2012). Estas são interdependentes entre si e todas têm efeitos semelhantes no nível de representação e construção mental dos objetos ou acontecimentos. Desta forma, um distanciamento do indivíduo a um acontecimento ou objeto numa das dimensões fará com que este seja percebido como estando também distante nas restantes dimensões (Liberman et al., 2007).

Bar Anan, Liberman e Trope (2006), demonstraram nos seus estudos a associação implícita entre a distância psicológica e o nível de representação mental, tendo como resultados que as pessoas tendem a associar a ideia de proximidade psicológica com baixos níveis de representação mental e a distância psicológica com níveis de representação mental a um nível superior de abstração nas várias dimensões (temporal, espacial, social e probabilística).

Vários estudos demonstram empiricamente o efeito da distância psicológica a que um indivíduo se encontra de objetos, acontecimentos ou pessoas na representação mental que este faz desses mesmos objetos, acontecimentos ou pessoas e as consequências dessas diferentes

representações em várias situações. Como exemplo, os indivíduos fazem descrições mais abstratas de um acontecimento que é previsto acontecer num futuro distante, do que num futuro próximo, recorrendo neste último caso a descrições mais concretas (e.g. Fujita et al., 2006) e a um maior número de categorias para o classificarem (Lieberman, Sagristano & Trope, 2002). A distância psicológica a uma atividade (e.g., assistir a uma palestra) aumenta também a atratividade dessa atividade para o indivíduo, focando-se este mais na desejabilidade desse acontecimento do que na sua viabilidade (e.g. Liberman & Trope, 1998, estudo 2); Verificou-se ainda que quando as pessoas pensam em acontecimentos psicologicamente mais distantes, elas estão mais centrados nas razões (“porquê”) desses acontecimentos, enquanto que quando pensam em acontecimentos psicologicamente mais próximos, procuram mais informação sobre a exequibilidade desse acontecimento (“como”) (Lieberman & Trope, 1998). Observou-se ainda, que a distância psicológica de um indivíduo a um acontecimento ou objeto diminui a intensidade da sua resposta afetiva a esse mesmo acontecimento (Trope & Liberman, 2010) e, num sentido oposto, a intensidade emocional relativamente a um acontecimento reduz a distância psicológica percebida do indivíduo a esse acontecimento, isto é, os indivíduos que descrevem os eventos de uma maneira mais emocionalmente intensa do que neutra, percebem esse acontecimento como estando psicologicamente mais próximo do próprio (Van Boven, Kane, McGraw & Dale, 2010).

No nosso estudo apenas nos debruçamos nas questões das descrições mais ou menos abstratas de acontecimentos e na intensidade emocional com que os indivíduos descrevem acontecimentos, no nosso caso, recordados.

A maior parte dos estudos efetuados no âmbito da TNA são prospetivos e referentes a acontecimentos ou situações hipotéticos, excetuando-se apenas cinco trabalhos (e.g. Frank & Gilovich, 1989; Kyung et al., 2010; Nigro & Neisser, 1983; Semin & Smith, 1999; Stephan et al., 2012). O nosso estudo diferencia-se dos mesmos na medida em que consiste na recordação de acontecimentos passados vividos pelos participantes e não em acontecimentos hipotéticos. Por outro lado, a maior parte dos estudos da literatura da TNA recorre a acontecimentos que em termos afetivos são positivos ou neutros (e.g. Sagristano, Trope & Liberman, 2002 e Stephan, 2005, respetivamente) (para exceções vide Kross et al., 2004; Eyal et al, 2004), enquanto que, no nosso estudo, foram testados alguns pressupostos da TNA para acontecimentos com ambas as valências (positivo vs. negativo).

Propusemos então, tendo como enquadramento teórico a teoria do nível de abstração, que a congruência entre o nível de identificação dos indivíduos com a organização e a

valência do acontecimento afetivo recordado seria uma dimensão da distância psicológica dos indivíduos a esse acontecimento. Tendo em conta ainda que a literatura tem mostrado que os acontecimentos quotidianos congruentes com as expectativas e o *self-schema* do indivíduo são melhor recordados do que os acontecimentos incongruentes (e.g. Neisser & Libby, 2000; Oishi et al., 2007; McMillan, 1992), a nossa proposta é a de que a congruência afetiva do acontecimento a recordar condiciona o nível de abstração e a intensidade emocional com que esse acontecimento seria recordado. Colocamos então a seguinte hipótese geral:

Hipótese geral: Quanto maior for a congruência entre o nível de identificação do indivíduo à organização em que está inserido (alta vs. baixa) e a valência do acontecimento afetivo recordado (respetivamente positivo vs. negativo), menor será a distância psicológica do indivíduo a esse acontecimento.

Assim esperamos que indivíduos identificados com o ISCTE-IUL, quando recordam acontecimentos positivos vividos por si no ISCTE-IUL, terão uma menor distância psicológica a esses acontecimentos recordados, fazendo descrições retrospectivas mais detalhadas e concretas, referindo mais frequentemente onde especificamente ocorreu o acontecimento e fazendo referência explícita ao ISCTE-IUL nas suas descrições. Esperamos que o mesmo aconteça no caso indivíduos menos identificados com o ISCTE-IUL, quando recordam acontecimentos negativos vividos por si no ISCTE-IUL. No sentido inverso, esperamos que indivíduos identificados com o ISCTE-IUL, quando pedido que recordem acontecimentos negativos vividos por si no ISCTE, tendo uma maior distância psicológica a esses acontecimentos, façam descrições retrospectivas mais abstratas, referindo menos vezes onde especificamente ocorreu o acontecimento e fazendo menos vezes referência explícita ao ISCTE-IUL. O mesmo é esperado para indivíduos com baixos níveis de identificação organizacional que recordam acontecimentos positivos vividos no ISCTE-IUL. Daqui decorrem as seguintes hipóteses específicas:

H1: Os indivíduos com níveis mais elevados de IO a quem se pede que descrevam acontecimentos vividos na organização associados a emoções positivas e os indivíduos com níveis mais baixos de IO a quem se pede que descrevam acontecimentos vividos na organização associados a emoções negativas, farão uma descrição retrospectiva mais detalhada desse acontecimento, nomeadamente explicitando onde especificamente é que ele decorreu e fazendo uma referência explícita ao ISCTE-IUL na sua descrição.

H2a: Os indivíduos com níveis mais elevados de IO a quem se pede que descrevam acontecimentos vividos na organização associados a emoções positivas e os indivíduos com

níveis mais baixos de IO a quem se pede que descrevam acontecimentos vividos na organização associados a emoções negativas, farão uma descrição retrospectiva desse acontecimento mais emocionalmente intensa; nomeadamente referindo um maior número de emoções de elevada ativação (HAPA e HAUA).

H2b: Os indivíduos com níveis mais elevados de IO a quem se pede que descrevam acontecimentos vividos na organização associados a emoções negativas e os indivíduos com níveis mais baixos de IO a quem se pede que descrevam acontecimentos vividos na organização associados a emoções positivas, farão uma descrição retrospectiva desse acontecimento emocionalmente menos intensa; nomeadamente referindo um maior número de emoções de baixa ativação (LAPA e LAUA).

Capítulo II - Método

Participantes

Participaram no estudo 159 estudantes do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL). Destes 159 estudantes, apenas 113 participaram na análise de dados, sendo este grupo compreendido por alunos do primeiro ano das licenciaturas de Psicologia (79%) e Gestão de Recursos Humanos (21%). A participação foi voluntária. Foi assegurado a todos os participantes o anonimato, confidencialidade dos dados e que todas as informações recolhidas seriam apenas utilizadas para fins académicos e científicos.

Os participantes tinham idades compreendidas entre os 17 e os 64 anos ($M=20,69$; $DP=6,41$; intervalo de confiança: 19,68 a 22) e 85,8% eram do sexo feminino ($n=97$) e 13,9% do sexo masculino ($n=16$). Não se observaram diferenças estatisticamente significativas entre alunos das licenciaturas de Psicologia e GRH em relação à idade ($F(1, 111) = .27$; $p = .607$; $\eta^2 = .002$) e ao sexo ($F(1, 111) = .07$; $p = .795$; $\eta^2 = .001$).

Procedimento

Foram aplicados dois questionários em diferentes momentos. Em ambos os questionários, numa primeira parte, era feito o enquadramento do estudo e descrição dos seus objetivos e foi pedido a todos os participantes que criassem um código para o seu questionário com o objetivo de ser possível emparelhar os dados recolhidos nos dois momentos da investigação. O segundo questionário foi administrado com um intervalo de cerca de três meses depois do primeiro. Foi criada uma base de dados onde se inseriram os 159 questionários emparelhados com o objetivo de se proceder à análise de conteúdo das respostas e consequente análise estatística.

Neste estudo quasi-experimental (2x2: identificação organizacional elevada vs. baixa x recordação de acontecimento afetivo positivo vs. recordação de acontecimento afetivo negativo) a identificação organizacional foi medida e a valência do acontecimento afetivo recordado foi manipulada através do pedido de recordação de um incidente crítico que tivesse evocado emoções positivas vs. emoções negativas. A cada participante foi aleatoriamente atribuída uma destas duas condições. As variáveis dependentes foram 3 categorias que resultaram da análise de conteúdo das descrições efetuadas pelos participantes. Duas dessas categorias são operacionalizações do nível de abstração e uma delas é uma operacionalização da intensidade emocional da descrição efetuada. As categorias foram formadas a partir da teoria do nível de abstração (Trope & Liberman, 2010).

Medidas

Identificação organizacional. Esta variável foi medida no primeiro questionário através de um item gráfico adaptado de Bergami e Bargozi (2000), no qual era pedido que os participantes escolhessem a representação gráfica que melhor ilustrasse a sua relação com o ISCTE-IUL assinalando com uma cruz no quadrado correspondente a figura selecionada. Nas 7 figuras apresentadas, um dos círculos representava o ISCTE-IUL e o outro representava o inquirido. A figura codificada como 1 correspondia ao menor nível de identificação organizacional (círculos completamente separados) e a figura codificada como 7 correspondia ao nível mais elevado de identificação organizacional (círculos sobrepostos). Uma vez que o objetivo do estudo era comparar a descrição retrospectiva dos acontecimentos afetivos em indivíduos com IO elevada e IO baixa, a variável identificação organizacional, inicialmente medida numa escala de 7 níveis, foi recodificada em dois níveis: 1 - identificação organizacional baixa contendo os participantes com níveis de identificação 1, 2 e 3 da escala inicial; e 2 – identificação organizacional alta contendo os níveis 5, 6 e 7 da escala inicial. Desta forma, os participantes com identificação organizacional média (4) foram excluídos da nossa análise passando assim o número total de participantes para 113. Na tabela 1 apresentamos a distribuição dos participantes pelas condições experimentais.

Manipulação da condição “recordação de acontecimento afetivo”. Esta variável foi manipulada num segundo momento através de uma questão de resposta aberta, correspondente a 2 condições experimentais: recordação de um acontecimento afetivo positivo e recordação de acontecimento afetivo negativo. Na condição experimental de recordação de episódio afetivo positivo era pedido que os participantes descrevessem o melhor possível, e com máximo de detalhes que se recordassem, um acontecimento recente (que tivesse ocorrido nos últimos três meses) vivido por estes no ISCTE-IUL (e.g. com colegas, professores, funcionários, etc.) e que os tivesse feito sentir contentes, otimistas e entusiasmados, pedindo que contassem o que aconteceu e como se tinham sentido. Na condição experimental de recordação de acontecimento negativo, a questão era a mesma mas foi pedido que descrevessem um acontecimento recente que os tivesse feito sentir triste, deprimidos e desconfortáveis.

Verificação da manipulação. Depois de descrito o acontecimento afetivo (positivo vs. negativo), os participantes responderam à seguinte questão para verificação da manipulação: “Assinale com uma cruz, a resposta mais adequada àquilo que sentiu na situação que acabou de descrever”. As respostas foram dadas numa escala tipo *Lickert*, com 7 pontos, que

variavam de “muitíssimo mal” (1) a “muitíssimo bem” (7). Os resultados de uma análise de variância bilateral (ANOVA) indicaram que as condições de recordação de acontecimento afetivo positivo e negativo foram sentidas pelos respondentes como sendo significativamente diferentes, $F(1, 109) = 536.48$; $p = .000$; $\eta^2 = .031$. Os participantes tendiam a sentir-se melhor na condição de recordação de um acontecimento positivo ($M = 6.15$; $DP = 0.82$; intervalo de confiança: 5.94 a 6.34) do que na condição de recordação de um acontecimento negativo ($M = 2.48$; $DP = 0.84$; intervalo de confiança: 2.24 a 2.71).

Variáveis dependentes. As descrições feitas pelos 113 participantes foram transcritas para uma base de dados e os participantes foram separados por condição de manipulação. Para a criação de categorias procedeu-se primeiramente à codificação das respostas através de um processo de *Hypothesis Coding* (Saldana, 2009). Os códigos foram desenvolvidos *à priori* com base na teoria do nível de abstração que nos serviu de base para a formulação das hipóteses empíricas. Isto é, foi utilizado um método de dedução com o objetivo de testar algumas hipóteses gerais geradas pela literatura. Procedeu-se então à criação de categorias que surgiram a partir da operacionalização daquilo que na literatura do nível de abstração vem mencionado como descrições abstratas e como intensidade emocional.

Tabela 1.

Distribuição dos Participantes por Condição Experimental

	Recordação de Acontecimento Positivo	Recordação de Acontecimento Negativo	Total
IO Alta	41	33	74
IO Baixa	26	13	39
Total	67	46	113

Nível de abstração do acontecimento afetivo

Desta forma, a partir da teoria analisada foram escolhidas *à priori* as seguintes categorias: “Refere onde ocorreu o acontecimento” (e.g. “Na biblioteca do ISCTE-IUL e, em geral, no ISCTE-IUL tenho observado que tanto funcionários deste instituto como professores, estão sempre prontos a ajudar os alunos”); “Faz referência explícita ao ISCTE-IUL na sua descrição” (e.g. “senti muita realização em pertencer ao ISCTE-IUL e ao fazer parte daquele momento, onde tentei dar o meu melhor”).

Nível de intensidade emocional da descrição do acontecimento afetivo

Para operacionalizar o nível de intensidade emocional da descrição efetuada analisámos a utilização da referência explícita de emoções positivas de elevada ativação (HAPA; e.g. “Um acontecimento que vivi com alguns dos meus colegas que me fez sentir *entusiasmada* foi na festa do caloiro 2012”), positivas de baixa ativação (LAPA; e.g. “Os colegas e o professor gostaram muito e eu fiquei muito *contente*, porque o meu esforço foi recompensado”), negativas de elevada ativação (HAUA; e.g. “Apesar de ter entrado, fiquei um bocado *desconfortável* porque a funcionária do departamento mostrou desprezo”) e negativas de baixa ativação (LAUA; e.g. “...deixando-me *triste* devido ao tempo e à exigência que o trabalho e a sua preparação requeriam”) nas descrições sobre acontecimento afetivo recordado. As emoções referidas pelos participantes foram classificadas em cada um destes quadrantes por referência à escala “*multi affect indicator*” de Warr et al. (2013)². Optámos por utilizar as siglas HAPA, LAPA, HAUA e LAUA para designar estados emocionais positivos de elevada ativação (HAPA), estados emocionais positivos de baixa ativação (LAPA), estados emocionais negativos de elevada ativação (HAUA) e estados emocionais negativos de baixa ativação (LAUA).

² Apesar do estado emocional “otimista” não se encontrar nesta escala, e tendo sido uma das emoções mais referidas pelos participantes, ele foi colocada no quadrante HAPA, em conformidade com correspondência escrita trocada com Peter Warr.

Capítulo III - Resultados

Testámos a hipótese de interação recorrendo a análises de variância a dois fatores (ANOVA) “identificação organizacional” e “valência do acontecimento afetivo recordado” para cada uma das categorias criadas, utilizando o método de *bootstrap* com 1000 amostras.

Nível de Abstração da Descrição de Acontecimento Afetivo

Os resultados revelaram um efeito de interação estatisticamente significativo entre a identificação organizacional e a valência do acontecimento afetivo recordado, na previsão da utilização da referência “onde o acontecimento ocorreu”, $F(1, 109) = 6.56, p \leq .01, \eta^2 = .06$ (vide Figura 1). A análise das médias revelou que, os indivíduos com níveis mais elevados de IO, referem mais frequentemente “onde o acontecimento ocorreu” quando recordam acontecimentos positivos ($M = 1.49, DP = 0.51$; intervalo de confiança: 1.33 a 1.64), do que quando recordam acontecimentos negativos ($M = 1.18, DP = 0.39$; intervalo de confiança: 1.06 a 1.32), $F(1, 73) = 8.134; p \leq .01, \eta^2 = .102$. Ainda através da análise das médias observamos que, na recordação de acontecimentos negativos, os indivíduos com níveis mais baixos de IO referem mais frequentemente “onde o acontecimento ocorreu” ($M = 1.54, DP = 0.52$; intervalo de confiança: 1.25 a 1.83), do que os indivíduos com níveis mais elevados de IO ($M = 1.18, DP = 0.39$; intervalo de confiança: 1.06 a 1.32), $F(1, 45) = 6.41; p \leq .02, \eta^2 = .127$.

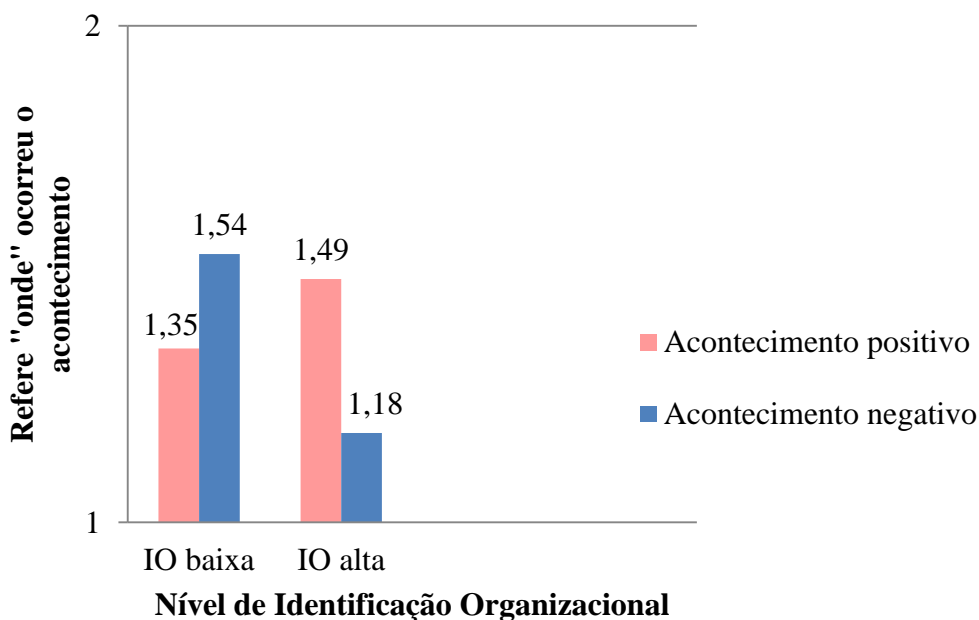


Figura 1. Nível de identificação organizacional e frequência de referência ao “onde” ocorreu o acontecimento nas condições de “acontecimento positivo” e “acontecimento negativo”

Os resultados revelaram também um efeito de interação estatisticamente significativo entre a identificação organizacional e a valência do acontecimento afetivo recordado, na previsão da utilização da “referência explícita ao ISCTE-IUL”, $F(1, 109) = 15.36, p \leq .001, \eta^2 = .124$ (vide Figura 2). A análise das médias revelou que, os indivíduos com níveis mais elevados de IO, fazem mais frequentemente uma referência explícita ao ISCTE-IUL quando recordam acontecimentos positivos ($M = 1.54, DP = 0.50$; intervalo de confiança: 1.37 a 1.68), do que quando recordam acontecimentos negativos ($M = 1.03, DP = 0.17$; intervalo de confiança: 1.0 a 1.11), $F(1, 72) = 30.22; p \leq .001, \eta^2 = .296$, e ainda quando comparados com os indivíduos com IO mais baixa ($M = 1.12, DP = 0.33$; intervalo de confiança: 1.0 a 1.25), $F(1, 65) = 14.28; p \leq .001, \eta^2 = .18$. Ainda através da análise das médias observamos que os indivíduos com níveis mais baixos de IO fazem mais frequentemente uma referência explícita ao ISCTE-IUL quando recordam acontecimentos negativos ($M = 1.23, DP = 0.44$; intervalo de confiança: 1.0 a 1.5) quando comparados com os indivíduos com IO mais elevada ($M = 1.03, DP = 0.17$; intervalo de confiança: 1.0 a 1.12), $F(1, 44) = 5.03; p < .03, \eta^2 = .103$.

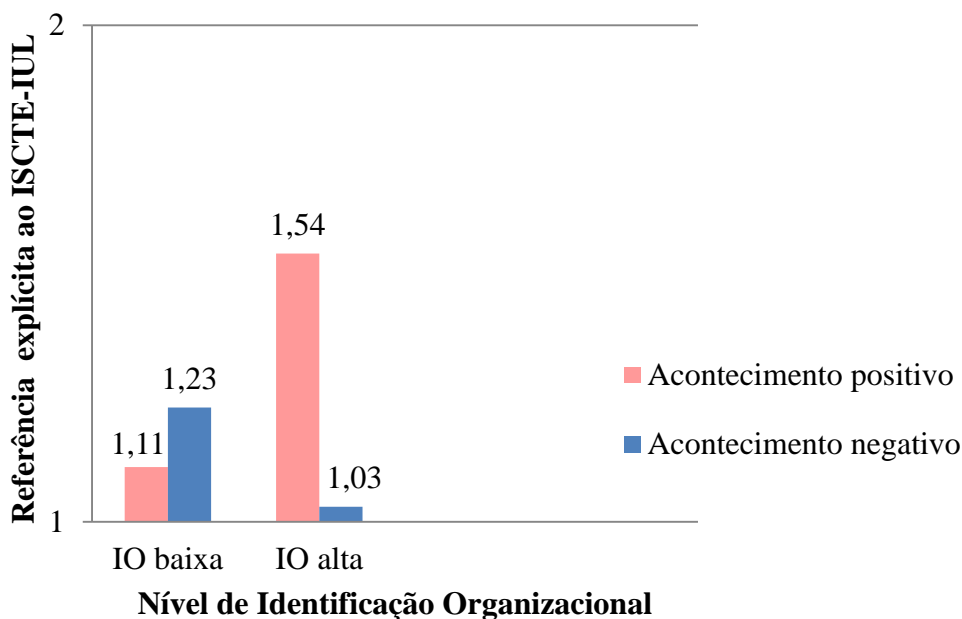


Figura 2. Nível de identificação organizacional e frequência de referência explícita ao ISCTE-IUL nas condições de “acontecimento positivo” e “acontecimento negativo”

Intensidade Emocional da Descrição do Acontecimento Afetivo

Contrariamente às nossas expectativas, a interação entre o nível de identificação organizacional e a valência emocional do acontecimento recordado na previsão de

intensidade emocional na descrição do acontecimento, não é estatisticamente significativa para nenhuma das dimensões emocionais (HAPA, $F(1, 109) = .04, p = .549, \eta^2 = .003$; LAPA, $F(1, 109) = .03, p = .866, \eta^2 = .000$; HAU A, $F(1, 109) = .08, p = .785, \eta^2 = .001$; LAUA, $F(1, 109) = .18, p = .671, \eta^2 = .002$).

O efeito principal da condição experimental, ou seja, da valência do acontecimento afetivo recordado, foi significativo para todas as dimensões emocionais: HAPA ($F(1, 109) = 154.53, p = .051, \eta^2 = .994$), LAPA ($F(1, 109) = 708.89; p = .024, \eta^2 = .999$), HAU A ($F(1, 109) = 320.10; p = .036, \eta^2 = .997$), LAUA ($F(1, 109) = 239.87; p = .041, \eta^2 = .996$).

Na tabela 2 são apresentadas as médias e desvios-padrão do número de emoções referidas na descrição do acontecimento afetivo em função da condição experimental.

Tabela 2.

Média do número de emoções HAPA, LAPA, HAU A e LAUA referidas nas descrições do acontecimento recordado em função da condição experimental

	Recordação de Acontecimento						Recordação de Acontecimento					
	Positivo						Negativo					
	IO baixa		IO alta		Total		IO baixa		IO alta		Total	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
HAPA	1,46	1,21	1,24	1,09	1,32	1,13	0	0	0	0	0	0
LAPA	0,38	0,57	0,41	0,55	0,4	0,55	0	0	0	0	0	0
HAUA	0,15	0,37	0,02	0,16	0,07	0,26	0,54	0,66	0,45	0,51	0,48	0,55
LAUA	0	0	0	0	0	0	0,69	1,03	0,79	0,79	0,78	0,85

Nota: Valores mínimos e máximos para emoções: HAPA (0, 4), LAPA (0, 2), HAU A (0, 2) e LAUA (0, 3)

Os participantes na condição “recordação de um acontecimento afetivo positivo” referem mais frequentemente emoções positivas na descrição de acontecimentos, tanto de elevada ativação (HAPA, $M = 1,32, DP = 1,13$, intervalo de confiança: 1,05 a 1,59), como de baixa ativação (LAPA, $M = 0,4, DP = 0,55$, intervalo de confiança: 0,27 a 0,54), do que na condição “recordação de acontecimento negativo” (HAPA, $M = 0, DP = 0$; LAPA, $M = 0, DP = 0$). Por outro lado, os participantes na condição de “recordação de um acontecimento afetivo negativo” referiram mais frequentemente emoções negativas de elevada ativação

(HAUA, $M= 0,48$, $DP= 0,55$, intervalo de confiança: 0,33 a 0,65), como de baixa ativação (LAUA, $M=0,78$, $DP= 0,85$, intervalo de confiança: 0,51 a 1) quando comparados com os participantes da condição “recordação de acontecimento positivo” (HAUA, $M= 0,07$, $DP= 0,26$, intervalo de confiança: 0,01 a 0,15; LAUA, $M=0$, $DP=0$).

Não houve diferenças estatisticamente significativas relativamente às emoções reportadas nas descrições dos indivíduos em função do seu nível de identificação organizacional (HAPA, $F(1, 109)= 1$, $p= .50$, $\eta^2= .50$; LAPA, $F(1, 109)= 1$, $p= .50$, $\eta^2= .50$; HAUA, $F(1, 109)= 21.95$, $p= .134$, $\eta^2= .956$; LAUA, $F(1, 109)= 1$, $p= .50$, $\eta^2= .50$).

Em resumo, os resultados do nosso estudo suportam a hipótese, de acordo com a qual indivíduos com níveis mais elevados de IO a quem se pede que descrevam acontecimentos vividos na organização associados a emoções positivas e os indivíduos com níveis mais baixos de IO a quem se pede que descrevam acontecimentos vividos na organização associados a emoções negativas, farão uma descrição retrospectiva mais detalhada desse acontecimento, nomeadamente explicitando onde especificamente é que ele decorreu e fazendo uma referência explícita ao ISCTE-IUL na sua descrição. Porém, as hipóteses 2a e 2b de acordo com as quais se esperava que níveis mais elevados de congruência afetiva do acontecimento a recordar (IO elevada – acontecimento positivo e IO baixa – acontecimento negativo) estivesse associada a uma maior intensidade emocional de descrição do acontecimento recordado, não foram suportadas pelos dados.

Capítulo IV – Discussão

Discussão Geral

Neste estudo tentámos perceber de que maneira é que indivíduos mais ou menos identificados com a sua organização recordam e descrevem acontecimentos com carga afetiva diferente, vividos por si em contexto organizacional. Tentámos perceber de que forma é que a identificação organizacional, a par da valência emocional de acontecimentos recordados, condiciona a memória afetiva dos indivíduos.

Utilizando a teoria do nível de abstração (TNA; e.g. Liberman et al., 2007) como enquadramento teórico, propusemos que a congruência entre o nível de identificação organizacional do individuo com a organização em que se insere e a valência emocional do acontecimento afetivo a recordar seria uma dimensão de distância psicológica do individuo a esse acontecimento. Ou seja, os indivíduos com níveis mais elevados de identificação organizacional tenderão a estar psicologicamente mais próximos de acontecimentos positivos vividos na organização, e os indivíduos com níveis mais baixos de identificação organizacional tenderão a representar cognitivamente os acontecimentos negativos vivenciados na organização como estando psicologicamente mais próximos, porque mais congruentes com as suas expectativas e teorias implícitas que os indivíduos têm sobre a relação entre o nível de identificação e as emoções vividas na organização.

Assim, com base na TNA, colocámos as hipóteses de que a congruência afetiva do acontecimento a recordar condiciona o nível de abstração e a intensidade emocional com que esse evento seria recordado. De facto, os nossos resultados apoiam a primeira hipótese: Quando os indivíduos estão psicologicamente mais próximos de um acontecimento afetivo, p. ex. quando indivíduos com elevada identificação organizacional se recordam de acontecimentos associados a emoções positivas, ou quando é pedido a indivíduos com baixa identificação organizacional que recordem acontecimentos associados a emoções negativas, eles têm maior tendência a fazerem uma descrição menos abstrata do episódio; nomeadamente explicitando onde especificamente é que ele decorreu e fazendo uma referência explícita ao ISCTE-IUL na sua descrição.

Os indivíduos com identificação organizacional elevada referem mais frequentemente o “onde ocorreu o acontecimento” quando recordam acontecimentos positivos, comparando com a recordação de acontecimentos negativos. Por seu lado, os indivíduos com níveis mais baixo de identificação organizacional referem mais vezes o “onde ocorreu o acontecimento”

quando recordam acontecimentos negativos comparando com os indivíduos com identificação organizacional mais alta.

No que se refere à referência explícita ao ISCTE-IUL nas suas descrições, os resultados semelhantes evidenciaram que os indivíduos com identificação organizacional elevada referem mais frequentemente de forma explícita o ISCTE-IUL nas suas descrições na condição de recordação de acontecimento positivo, quando comparados com indivíduos com níveis inferiores de identificação organizacional ou com indivíduos que descrevem acontecimentos afetivos negativos. Por outro lado, quando fazem a descrição de acontecimentos negativos, são os indivíduos com níveis baixos de identificação organizacional que fazem mais frequentemente referência explícita ao ISCTE-IUL nas suas descrições de acontecimentos afetivos quando comparados com os indivíduos com identificação organizacional elevada.

Em relação ao tipo e à frequência das emoções referidas nas descrições dos acontecimentos recordados, de acordo com a TNA esperávamos que quanto menor fosse a distância psicológica aos acontecimentos dos indivíduos (indivíduos com identificação organizacional elevada recordando acontecimentos positivos ou indivíduos com identificação organizacional baixa relembando acontecimentos negativos), maior seria a intensidade emocional com que os indivíduos descreveriam os acontecimentos vividos na organização, referindo um maior número de emoções de elevada ativação (HAPA e HAUA). Por outro lado, esperava-se que quanto maior fosse a distância psicológica aos acontecimentos recordados (indivíduos com identificação organizacional elevada relembando acontecimentos negativos, ou indivíduos com identificação organizacional baixa relembando acontecimentos positivos), menor seria a intensidade emocional demonstrada nas suas descrições, utilizando um maior número de emoções de baixa ativação (LAPA e LAUA). Porém, os resultados não foram de encontro ao que era esperado por nós, não se tendo revelado uma interação entre o nível de identificação organizacional e a valência do acontecimento recordado, estatisticamente significativa.

Esta situação pode dever-se ao facto da própria manipulação fazer referência explícita a determinadas emoções (e.g. otimista, contente, entusiasmado, versus deprimido, triste e desconfortável) fazendo com que os participantes referissem mais vezes estas mesmas emoções nas suas descrições. Os resultados evidenciaram então o efeito principal da condição experimental. Os participantes da condição experimental de recordação de acontecimento afetivo positivo referiram mais emoções positivas (HAPA e LAPA) e os participantes da

condição de recordação de acontecimento negativo referiram mais emoções negativas (HAUA e LAUA). Não houve diferenças no nível de ativação das emoções mencionadas, nem em função da valência das emoções recordadas, nem em função do nível de identificação organizacional.

Os nossos resultados evidenciaram que, de uma forma geral, quer a identificação organizacional, por si só, quer a valência dos episódios recordados, não influenciaram diretamente o nível de abstração na representação retrospectiva dos acontecimentos vividos pelos indivíduos em contexto organizacional. No entanto, a congruência entre a identificação organizacional dos indivíduos e a valência do acontecimento afetivo recordado mostrou ser uma dimensão da distância psicológica a que o indivíduo se encontra do acontecimento recordado.

Desta forma, o nosso estudo apresenta um contributo teórico importante para a teoria do nível de abstração. A nossa proposta é a de que a distância psicológica pode ser medida não só pelas quatro dimensões social, temporal, espacial e probabilística apresentadas pela literatura atual, mas também por uma outra dimensão – congruência afetiva do episódio recordado. Nesse sentido, quando maior for a congruência entre o nível de identificação do indivíduo à organização em que está inserido (alta vs. baixa) e a valência do acontecimento afetivo recordado (respetivamente positivo vs. negativo), menor será a distância psicológica do indivíduo a esse acontecimento; pelo que mais detalhada será a descrição retrospectiva desse acontecimento, estando este cognitivamente representado a um nível mais baixo de abstração.

Contributos

Como contributos empíricos, o nosso estudo é inovador tendo sido utilizados acontecimentos recordados, isto é, eventos afetivos vivenciados pelo indivíduo e não projetados, como acontece na grande maioria dos estudos da TNA em que se compara a representação cognitiva de acontecimentos projetados no futuro próximo vs. no futuro distante (para exceções vide Frank & Gilovich, 1989; Kyung et al., 2010; Nigro & Neisser, 1983; Semin & Smith, 1999; Stephan et al., 2012). Por outro lado, a maior parte dos estudos feitos no âmbito da TNA compara várias situações em que os cenários experimentais são neutros (e.g. Friedman & Foster, 2002; Semin & Smith, 1999) ou positivos (e.g. Friedman & Foster, 2002; Sagristano et al., 2002) (para exceções vide Eyal et al., 2004; Kross et al., 2004), enquanto no nosso estudo foram criados dois cenários opostos em termos da sua valência emocional, com o objetivo de observar as diferenças entre a recordação de

acontecimentos negativos e positivos do ponto de vista das emoções que lhes estão associadas. Outro contributo empírico é o facto de este ser um estudo quasi-experimental onde a identificação organizacional dos participantes não foi manipulada mas sim medida, conferindo maior validade ecológica ao estudo.

Limitações

Como limitações podemos apontar o facto de ser um estudo realizado apenas com estudantes e o número de participantes não ser muito elevado principalmente no caso de alunos com identificação organizacional baixa (n=39). Uma outra limitação foi o facto de a condição de manipulação fazer referência explícita a emoções e por essa razão ter influenciado as respostas dos participantes no que diz respeito à medida da intensidade emocional do evento.

Em estudos futuros propomos que seja feito outro tipo de manipulação de recordação de acontecimentos positivos e negativos para evitar este possível enviesamento. Propomos também que o mesmo tipo de estudo seja feito com acontecimentos projetados no futuro em vez de acontecimentos passados recordados com o objetivo de ver se o efeito de congruência se verifica também nessas situações. Sugerimos que sejam feitos estudos com o objetivo de generalizar os nossos resultados para outras consequências de distância psicológica para além do nível de abstração, como sejam, pensar no “porquê” do acontecimento vs. no “como” é que eles aconteceram (vide Liberman & Trope, 1998, estudo 1), a focalização na desejabilidade do acontecimento versus viabilidade (vide Liberman & Trope, 1998, estudo 2); ou pensar nos “prós” dos acontecimentos versus pensar nos “contras” desse acontecimento (vide Eyal et al., 2004).

Conclusão

Numa perspetiva intra-pessoal, a memória autobiográfica é uma componente central da representação do *self*, fornecendo uma base para o estabelecimento e manutenção de relações sociais (Kihlstrom, 2009). Assim, a forma como os indivíduos representam cognitivamente na sua memória os acontecimentos emocionais por eles vividos em contexto organizacional, pode condicionar a forma como eles se comportam nesse mesmo contexto e a forma como reagem a futuros acontecimentos. Importa, por isso, perceber como é que indivíduos com distintos níveis de IO representam cognitivamente os acontecimentos emocionais (positivos e negativos) por eles vividos na organização em que estão inseridos.

Os resultados deste estudo sugerem que os indivíduos com níveis mais elevados de IO tendem a representar cognitivamente de uma forma mais pormenorizada os acontecimentos

emocionais positivos por eles vividos em contexto organizacional. Em contraponto, os indivíduos que se identificam menos com a organização tendem a recordar os acontecimentos geradores de emoções negativas de uma forma mais detalhada. O presente estudo propõe então que a congruência afetiva (entre o nível de IO e a valência do acontecimento recordado) seja uma dimensão de distância psicológica com consequências diretas para a representação cognitiva dos acontecimentos recordados.

Capítulo V – Referências e Anexos

Referências

- Ashforth, B. E., Harrison, S. H., e Corley, K. G. (2008). Identification in organizations: An examination of four fundamental questions. *Journal of Management*, 34, 325 – 374.
- Ashforth, B. E., & Humphrey, R. H. (1995). Emotion in the workplace: A reappraisal. *Human Relations*, 48, 97–125
- Ashforth, B.E., & Mael, F. (1989). Social identity theory and the organization. *Academy of Management Review*, 14, 20-39.
- Bar-Anan, Y., Liberman, N., & Trope, Y. (2006). The association between psychological distance and construal level: evidence from an implicit association test. *Journal of Experimental Psychology. General*, 135(4), 609–22.
- Bartlett, F. C. (1932/1967). *Remembering*. Berlin: Cambridge University Press.
- Bergami, M e Bagozzi, R.P. (2000). Self-categorization and commitment as distinct aspects of social identity in the organization: conceptualization, measurement, and relation to antecedents and consequences. *British Journal of Social Psychology*, 39, 555-577.
- Bizumic, B., Reynolds, K. J., Turner, J. C., Bromhead, D., & Subasic, E. (2009). The role of group in individual functioning: School identification and the psychological well-being of staff and students. *Applied Psychology*, 58,171–192.
- Brief, A. P., & Weiss, H. M. (2002). Organizational behavior: affect in the workplace. *Annual Review of Psychology*, 53, 279–307.
- Brown, M. E. (1969). Identification and some conditions of organizational involvement. *Administrative Science Quarterly*, 14, 346-355.
- Clore, G. L., & Parrott, W. G. (1991). Moods and their vicissitudes: The informational properties of affective thoughts and feelings. In J. Forgas (Ed.), *Emotion and social judgments* (pp. 133–163). Elmsford, NY: Pergamon Press.
- Conway, M. a. (2005). Memory and the self. *Journal of Memory and Language*, 53(4), 594–628.
- Conway, M. A., & Pleydell-Pearce, C. W. (2000). The construction of autobiographical memories in the self-memory system. *Psychological Review*, 107, 261–288.
- Cruwys, T., Dingle, G. A., Haslam, C., Haslam, S. A., Jetten, J., & Morton, T. A. (2013). Social group memberships protect against future depression, alleviate depression symptoms and prevent depression relapse. *Social Science & Medicine* (1982), 98, 179–86.

- Cruwys, T., South, E. I., Greenaway, K. H., & Haslam, S. A. (2014). Social Identity Reduces Depression by Fostering Positive Attributions.
- Danker, J. F., & Anderson, J. R. (2010). The ghosts of brain states past: remembering reactivates the brain regions engaged during encoding. *Psychological Bulletin*, 136(1), 87–102.
- Diener, E., & Larsen, R. J. (1984). Temporal stability and cross-situational consistency of affective, behavioral, and cognitive responses. *Journal of Personality and Social Psychology*, 47, 871-883.
- Dutton, J. E., Dukerich, J. M., e Harquail, C. V. (1994). Organizational images and member identification. *Administrative Science Quarterly*, 39, 239-263.
- Edwards, M. R. (2005). Organizational identification: A conceptual and operational review. *International Journal of Management Reviews*, 7, 207-230.
- Eich, E. (1995). Searching for mood-dependent memory. *Psychological Science*, 6, 67–75.
- Ekmekci, O., & Casey, A. (2009). How Time Brings Together “I” and “We”: A Theory of Identification Through Memory, (c), 48–67.
- Eyal, T., Liberman, N., Trope, Y. & Walther, E. (2004). The pros and cons of temporally near and distant action. *Journal of Personality and Social Psychology*, 86, 781–795.
- Fiedler, K., Jung, J., Wänke, M., & Alexopoulos, T. (2012). On the relations between distinct aspects of psychological distance: An ecological basis of construal-level theory. *Journal of Experimental Social Psychology*, 48(5), 1014–1021.
- Fisher, C.D. (2000). Mood and emotion while working: Missing pieces of job satisfaction? *Journal of Organizational Behavior*, 21, 185-202
- Forgas, J. P., & George, J. M. (2001). Affective Influences on Judgments and Behavior in Organizations: An Information Processing Perspective. *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, 86 (1), 3–34. doi:10.1006/obhd.2001.2971
- Forgas, J. P., & George, J. M. (2001). Affective Influences on Judgments and Behavior in Organizations: An Information Processing Perspective. *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, 86(1), 3–34. doi:10.1006/obhd.2001.2971
- Frank, M. G., & Gilovich, T. (1989). Effect of memory perspective on retrospective causal attributions. *Journal of Personality and Social Psychology*, 5, 399–403.
- Friedman, R. S., & Foster, J. (2002). The effect of approach and avoidance motor actions on creative cognition. *Journal of Experimental Social Psychology*, 38, 41-55.

- Fujita, K., Trope, Y., Liberman, N., & Levin-Sagi, M. (2006). Construal levels and self-control. *Journal of Personality and Social Psychology*, 90(3), 351–367.
- Gable, P. a., & Harmon-Jones, E. (2010). The effect of low versus high approach-motivated positive affect on memory for peripherally versus centrally presented information. *Emotion (Washington, D.C.)*, 10(4), 599–603.
- Gable, P. A., & Harmon-Jones, E. (2008). Approach-motivated positive affect reduces breadth of attention. *Psychological Science*, 19, 476–482.
- Gable, P., & Harmon-Jones, E. (2010). The motivational dimensional model of affect: Implications for breadth of attention, memory, and cognitive categorization. *Cognition & Emotion*, 24(2), 322–337.
- Gardner, W. L., Pickett, C. L., & Brewer, M. B. (2000). Social Exclusion and Selective Memory: How the Need to belong Influences Memory for Social Events. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 26(4), 486–496.
- Greenwald, A. G. (1980). The totalitarian ego: Fabrication and revision of personal history. *American Psychologist*, 35, 603–618.
- Hart, P.M., Wearing, A.J., & Headey, B. (1993). Assessing police work experiences: Development of the Police Daily Hassles and Uplifts Scales. *Journal of Criminal Justice*, 21, 553–572
- Haslam, C., Holme, A., Haslam, S. A., Iyer, A., Jetten, J., & Williams, W. H. (2008). Maintaining group memberships: social identity continuity predicts well-being after stroke. *Neuropsychological Rehabilitation*, 18(5-6), 671–91.
- Haslam, S. A., Jetten, J. & Waghorn, C. (2009). Social identification, stress, and citizenship in teams: A five-phase longitudinal study. *Stress and Health*, 25, 21-30
- Herrbach, O. (2006). A matter of feeling? The affective tone of organizational commitment and identification, 643(August 2005), 629–643.
- Hsee, C. K., & Hastie, R. (2006). Decision and experience: Why don't we choose what makes us happy? *Trends in Cognitive Sciences*, 10, 31–37.
- Ivancevich, J.M. (1986). Life events and hassles as predictors of health symptoms, job performance, and absenteeism. *Journal of Occupational Behaviour*, 7, 39–51
- Kensinger, E. A., & Corkin, S. (2004). Two routes to emotional memory: Distinct neural processes for valence and arousal. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*, 101, 3310–3315.

- Kihlstrom, J. F. (2009). Commentary “So That We Might Have Roses in December”: The Functions of Autobiographical Memory, *1192*, 1179–1192.
- Kross, E., Ayduk, O., & Mischel, W. (2004). When asking “why” does not hurt: Distinguishing rumination from reflective processing of negative emotions. *Psychological Science*, *16*, 709-715.
- Kyung, E. J., Menon, G., & Trope, Y. (2010). Reconstruction of things past: Why do some memories feel so close and others so far away? *Journal of Experimental Social Psychology*, *46*(1), 217–220.
- Lazarus, R. S. (1980). The stress and coping paradigm. In Eisdorfer, C., Cohen, D., and Kleinman, A. (eds.), *Conceptual Models for Psychopathology*, Spectrum, New York, pp. 173-209.
- Lazarus, R.S. (1966). Psychological stress and the coping process. New York: McGraw-Hill.
- Lazarus, R. S., & Folkman, S. (1984). Coping and adaptation. In W. D. Gentry (Ed.), *The handbook of behavioral medicine* (pp. 282–325). New York: Guilford.
- LeDoux, J. E. (1992). Emotion as memory: Anatomical systems underlying indelible neural traces. In S. A. Christianson (Ed.). *The handbook of emotion and memory: Research and theory* (pp. 269–288). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Lee, S. M. (1971). An empirical analysis of organizational identification. *Academy of Management Journal*, *14*, 213-226.
- Lieberman, N. Trope, Y. (2008). The Psychology of Transcending the Here and Now. *Science*. 2008 November 21; 322(5905): 1201–1205
- Lieberman, N., & Trope, Y. (1998). The role of feasibility and desirability considerations in near and distant future decisions: A test of temporal construal theory. *Journal of Personality and Social Psychology*, *75*(1), 5–18.
- Lieberman, N., Sagristano, M. D., & Trope, Y. (2002). The effect of temporal distance on level of mental construal. *Journal of Experimental Social Psychology*, *38*(6), 523–534.
- Lieberman, N., Trope, Y., & Stephan, E. (2007). Psychological distance. In A. W. Kruglanski & E. T. Higgins (Eds.), *Social psychology: Handbook of basic principles* (Vol. 2, pp. 353–383). New York, NY: Guilford Press.
- Lim, J., Hepworth, J. and Bogossian, F. (2011), A qualitative analysis of stress, uplifts and coping in the personal and professional lives of Singaporean nurses. *Journal of Advanced Nursing*, *67*: 1022–1033.

- Markus, H., and Sentis, K. (1980). The self in social information processing. In J. Suls (Ed.), *Social Psychological Perspectives on the Self* (pp. 41-70). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Mayer, J., McCormick, L., & Strong, S. (1995). Mood congruent memory and natural mood new evidence.
- Miron-Shatz, T. (2009). Evaluating multi-episode events: Boundary conditions for the peak-end rule. *Emotion*, 9, 206–213.
- Neisser, U., & Libby, L. K. (2000). Remembering life experiences. In E. Tulving & F. I. M. Craik (Eds.), *The Oxford handbook of memory* (pp. 315–332). New York: Oxford University Press.
- Nigro, G., & Neisser, U. (1983). Point of view in personal memories. *Cognitive Psychology*, 15, 467-482.
- North, R. J., & Swann, W. B. (2009). Self-verification 360°: Illuminating the Light and Dark Sides. *Self and Identity*, 8(2-3), 131–146.
- Oishi, S., Schimmack, U., Diener, E., Kim-Prieto, C., Scollon, C. N., & Choi, D.-W. (2007). The value-congruence model of memory for emotional experiences: an explanation for cultural differences in emotional self-reports. *Journal of Personality and Social Psychology*, 93(5), 897–905.
- Patchen, M. (1970). *Participation, achievement, and involvement on the job*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- Philippe, F. L., Koestner, R., Lecours, S., Beaulieu-Pelletier, G., & Bois, K. (2011). The role of autobiographical memory networks in the experience of negative emotions: how our remembered past elicits our current feelings. *Emotion (Washington, D.C.)*, 11(6), 1279–90.
- Robinson, M. D., & Clore, G. L. (2002). Belief and feeling: Evidence for an accessibility model of emotional self-report. *Psychological Bulletin*, 128(6), 934–960.
- Rogers, T. B. (1980). A model of the self as an aspect of the human information processing system. In N. Cantor & J. H. Kihlstrom (Eds.) *Personality, cognition and social interaction*. Hillsdale, NJ: Erlbaum
- Roseman, I. J., Spindel, M. S., & Jose, P. E. (1990). Appraisal of emotion-eliciting events: Testing a theory of discrete emotions. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59(5), 899-915.
- Ross, M. (1989). Relation of implicit theories to the construction of personal histories. *Psychological Review*, 96(2), 341–357.

- Rousseau, D. M., Sitkin, S. B., Burt, R. S., e Camerer, C. (1998). Not so different after all: A cross-discipline view of trust. *Academy of Management Review*, 23, 405–421.
- Rubin, D. C., Schrauf, R. W., & Greenberg, D. L. (2003). Belief and recollection of autobiographical memories. *Memory and Cognition*, 31, 887–901.
- Sagrignano, M. D., Trope, Y., & Liberman, N. (2002). Time-dependent gambling: Odds now, Money later. *Journal of Experimental Psychology: General*, 131, 364-376.
- Saks, A. M. and B. E. Ashforth: 2000, 'The role of dispositions, entry stressors, and behavioural plasticity theory in predicting newcomers' adjustment to work', *Journal of Organizational Behavior* 21, pp. 43–62.
- Saldana, & Johnny. (2009). The Coding Manual for Qualitative Researchers. In *The Coding Manual for Qualitative Researchers*.
- Schmeichel, B. J., Volokhov, R. N., & Demaree, H. a. (2008). Working memory capacity and the self-regulation of emotional expression and experience. *Journal of Personality and Social Psychology*, 95(6), 1526–40.
- Schwartz, G. E., Weinberger, D. A., & Singer, J. A. (1981). Cardiovascular differentiation of happiness, sadness, anger and fear following imagery and exercise. *Psychosomatic Medicine*, 45, 109–114.
- Seidlitz, L., & Diener, E. (1993). Memory for positive versus negative life events: theories for the differences between happy and unhappy persons. *Journal of Personality and Social Psychology*, 64(4), 654–64.
- Semin, G. R., & Smith, E. R. (1999). Revisiting the past and back to the future: Memory systems and the linguistic representation of social events. *Journal of Personality and Social Psychology*, 76, 877–892.
- Shimizu, M., & Pelham, B. W. (2004). The unconscious cost of good fortune: Implicit and explicit self-esteem, positive life events, and health. *Health Psychology*, 23, 101–105.
- Silva, A. J; Caetano, António. 2013. Daily Hassles and Uplifts at Work: Perceived Effects on Well-being. In *The Happiness Compass: Theories, Actions and Perspectives for Well-being*, ed. Francesco Sarracino, 153 - 177. ISBN: 978-1-62808-817-5. USA: Nova Publishers.
- Stangor, C., & McMillan, D. (1992). Memory for expectancy-congruent and expectancy-incongruent information: A review of the social and social developmental literatures. *Psychological Bulletin*, 111(1), 42–61.

- Stangor, C., & McMillan, D. (1992). Memory for expectancy-congruent and expectancy-incongruent information: A review of the social and social developmental literatures. *Psychological Bulletin*, *111*(1), 42–61.
- Stephan, E. (2005). *Social distance and its relation to level of construal, temporal distance and physical distance*. Unpublished manuscript, Tel Aviv University.
- Stephan, E., Sedikides, C., & Wildschut, T. I. M. (2012). Special issue article Mental travel into the past: Differentiating recollections of nostalgic, ordinary, and positive events, *298*(January), 290–298.
- Stephan, E., Sedikides, C., & Wildschut, T. I. M. (2012). Special issue article Mental travel into the past: Differentiating recollections of nostalgic, ordinary, and positive events, *298*(January), 290–298.
- Suh, E., Diener, E., & Fujita, F. (1996). Events and subjective well-being: only recent events matter. *Journal of Personality and Social Psychology*, *70*(5), 1091–102.
- Sutin, A. R., & Robins, R. W. (2008). When the “I” looks at the “Me”: autobiographical memory, visual perspective, and the self. *Consciousness and Cognition*, *17*(4), 1386–97.
- Swann, W. B. Jr. (1990). To be adored or to be known? The interplay of self-enhancement and self-verification. In E. T. Higgins, e R. M. Sorrentino (Eds.), *Handbook of motivation and cognition* (Vol. 2, pp. 408-448). New York: Guilford.
- Swann, W. B., Jr. (1983). Self-verification: Bringing social reality into harmony with the self. In J. Suls & A. G. Greenwald (Eds.), *Psychological perspectives on the self* (Vol. 2, pp. 33–66). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Swann, W. B., Jr. Chang-Schneider, C., & Angulo, S. (2007a). Self-verification in relationships as an adaptive process. In J. Wood, A. Tesser, & J. Holmes (Eds.), *The self and social relationships* (pp. 49–72). New York: Psychology Press.
- Swann, W. B., Stein-Seroussi, a, & Giesler, R. B. (1992). Why people self-verify. *Journal of Personality and Social Psychology*, *62*(3), 392–401. Retrieved from <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/1560335>
- Tajfel, H., & Turner, J.C. (1979). An integrative theory of intergroup conflict. In W.G. Austin & S. Worchel (Eds.), *The social psychology of intergroup relations* (pp. 33-47). Monterey, CA: Brooks/Cole.
- Talmi, D., Schimmack, U., Paterson, T., & Moscovitch, M. (2007). The role of attention and relatedness in emotionally enhanced memory. *Emotion (Washington, D.C.)*, *7*(1), 89–102.

- Tavares, S. (2009). Fenómeno da identificação organizacional: contributos para a sua explicação. Tese de Doutoramento em Psicologia Social e das Organizações (Comportamento Organizacional), Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL).
- Tavares, S., Garcia, A. (2010). Papel da identificação organizacional na relação entre o bem-estar no trabalho e a satisfação com a vida
- Thomas, D., & Diener, E. (1990). Memory Accuracy in the Recall of Emotions. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59(2), 291–297.
- Trope, Y., & Liberman, N. (2003). Temporal construal. *Psychological Review*, 110(3), 403–421.
- Trope, Y., & Liberman, N. (2010). Construal-level theory of psychological distance. *Psychological Review*, 117(2), 440–63.
- Van Boven, L., Kane, J., McGraw, a P., & Dale, J. (2010). Feeling close: emotional intensity reduces perceived psychological distance. *Journal of Personality and Social Psychology*, 98(6), 872–85.
- van Dick, R. (2001). Identification in organizational contexts: Linking theory and research from social and organizational psychology. *International Journal of Management Reviews*, 3, 265-283.
- van Dick, R., & Haslam, S.A. (2012). Stress and well-being in the workplace: Support for key propositions from the social identity approach. In J. Jetten, C. Haslam & S.A. Haslam (Eds.), *The social cure: Identity, health, and well-being* (pp. 175-194). London and New York: Psychology Press
- van Dick, R., & Haslam, S.A. (2012). Stress and well-being in the workplace: Support for key propositions from the social identity approach. In J. Jetten, C. Haslam & S.A. Haslam (Eds.), *The social cure: Identity, health, and well-being* (pp. 175-194). London and New York: Psychology Press
- van Dick, R., & Wagner, U. (2002). Social identification among school teachers: Dimensions, foci and correlates. *European Journal of Work and Organizational Psychology*, 11, 129–149.
- van Dick, R., Christ, O., Stellmacher, J., Wagner, U., Ahlswede, O., Grubba, C., Hauptmeier, M., Hohfeld, C., Moltzen, K., e Tissington, P. (2004b). Should I stay or should I go? Explaining turnover intentions with organizational identification and job satisfaction *British Journal of Management*, 15, 351-360

- van Dick, R., Hirst, G., Grojean, M. W., e Wieseke, J. (2007). Relationships between leader and follower organizational identification and implications for follower attitudes and behaviour. *Journal of Occupational and Organizational Psychology*, 80, 133-150.
- Warr, P. (2013). How to think about and measure psychological well-being. In *Research Methods in Occupational Health Psychology* (pp. 76–90).
- Wegge, R., Dick, R. V. A. N., Fisher, G. K., Wecking, C., Moltzen, K. A. I., & Goethe-universita, J. W. (2006). Work motivation, organizational identification, and well-being in call centre work, 20(March).
- Weiss, H. M., & Cropanzano, R. (1996). Affective Events Theory a theoretical discussion of the structure, causes and consequences of affective experiences at work.pdf. *Research in Organizational Behavior*, 18, 1–74.
- Weiss, H. M., Nicholas, J. P., & Daus, C. S. (1999). An examination of the joint effects of affective experiences and job beliefs on job satisfaction and variations in affective experiences over time. *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, 78, 1-24.
- Wirtz, D., Kruger, J., Scollon, C. N., & Diener, E. (2003). What to do on spring break? The role of predicted, on-line, and remembered experience in future choice. *Psychological Science*, 14, 520–524.

Anexos

Anexo A - Descrição das emoções referidas por condição experimental

Dimensão	Emoções Positivas	OID baixa (n=26)	OID alta (n=42)	Dimensão	Emoções negativas	OID Baixa (n=13)	OID alta (n=34)
HAPA	Alegre	9	12	HAPA			
	Divertida	0	2				
	Entusiasmada	14	14				
	Felicidade	2	0				
	Feliz	3	9				
	Motivada	0	3				
	Satisfação	2	2				
	Optimista	8	9				
Total		38	51				
%		146.2%	121.4%				
HAUA	Ansiosa	2	0	HAUA	Chateada	0	1
	Nervosismo	1	0		Desconfortável	6	13
	Receosa	0	1		Escandalizada	1	0

Identificação Organizacional e Recordação de Acontecimentos Afetivos

	Insegurança	1	0		Pânico	0	1
Total		4	1		Stress	0	1
%		15.4%	2.4%	Total		7	16
				%		53.8%	47.1%
LAPA	Agradável	1	0	LAPA			
	Bem	0	3				
	Contentamento	1	1				
	Contente	5	10				
	Descansada	0	1				
	Segura	1	0				
	Positiva	1	1				
Total		9	16				
%		34.6%	38.1%				
LAUA				LAUA	Deprimida	3	5

Identificação Organizacional e Recordação de Acontecimentos Afetivos

					Desanimada	0	1
					Frustrada	1	3
					Mal	1	0
					“Não me sentia bem”	0	1
					Triste	4	16
					Total	9	26
					%	69.2%	76.5%